

A PROVA DE FOGO PARA OS CIENTISTAS SOCIAIS

20 Para Ignacy Sachs, o sociólogo FHC na Presidência

Aqui, a entrevista realizada com o economista e brasileiro Ignacy Sachs:

JT — Qual é a imagem que o senhor faz do Brasil, hoje?

Ignacy Sachs — A de um País com enormes possibilidades e tremendos problemas sociais que se acumulam.

Para o senhor, universitário, humanista, o que representa a presença do colega Fernando Henrique Cardoso na Presidência do Brasil?

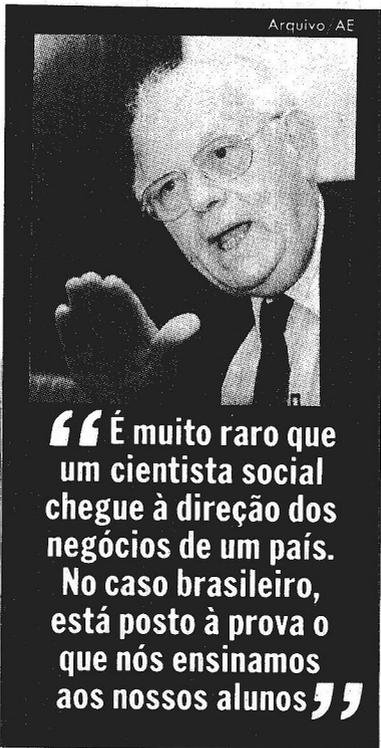
Tive a ocasião de dizer isso a Fernando Henrique quando ele foi eleito em outubro de 1994. Disse-lhe então que, em certo sentido, era uma prova de fogo para todos nós. Ora, é muito raro que um cientista social chegue à direção dos negócios de um País. No caso brasileiro, está em jogo, posto à prova, pois, o que nós ensinamos aos nossos alunos.

Em que a orientação que o sociólogo Fernando Henrique pode dar aos destinos do Brasil tende a ser diferente da de um político convencional?

Creio que Fernando Henrique tem uma visão do processo histórico e dos pontos possíveis para as mudanças, dos instrumentos e alavancas para as transformações com alcance e profundidade maior do que a de um político experimentado. Na definição de um projeto nacional, o papel de alguém como Fernando Henrique pode ser decisivo.

Que gênero de ambição o senhor gostaria de atribuir à França ao receber o presidente do Brasil?

Durante o seminário França-Brasil, promovido recentemente em São Paulo pelo Itamaraty e do qual tive a honra de participar, tentei passar a idéia de que necessitamos de coreflexão em relação a um codesenvolvimento.



“É muito raro que um cientista social chegue à direção dos negócios de um país. No caso brasileiro, está posto à prova o que nós ensinamos aos nossos alunos”

to. Ou seja, a globalização nas suas formas atuais, selvagens, é um jogo de somas negativas, onde há muitos perdedores no Sul e muitos perdedores no Norte — e os únicos que ganham são as minorias dos dois lados. Temos de corrigir esse processo e isso requer duas coisas, a saber: 1 — uma reflexão aprofundada sobre a reforma do sistema internacional, sobre a introdução de normas de conduta para civilizar a globalização, sobre a reformulação das instituições de Bretton Woods (FMI, por exemplo), das Nações Unidas; 2 — Repensar o papel dos Estados nacionais para que eles possam pilotar, de maneira adequada, suas populações por intermédio desse processo de globalização. Temos aí todo um espaço para frutuoso intercâmbio de idéias e de iniciativas da França com o Brasil. Resta saber se a França quer retomar suas ambições de antanho de ter uma política própria.

Se o senhor só tivesse uma

pergunta a fazer ao presidente Fernando Henrique no encontro da Sorbonne, quarta-feira, qual seria ela e por quê?

Minha pergunta se prenderia ao que acabo de dizer. Eu perguntaria como ele, sociólogo, cientista político, vê o problema das margens de liberdade, de manobra, para uma ação política que nos faça escapar dos pseudodeterminismos econômicos. Em suma, com que margens de liberdade poderíamos contar para restabelecer a hierarquia necessária entre o social, o ecológico e o econômico — e não o inverso.

A seu ver, o que vai ser o Brasil no próximo século?

O grande economista polonês Kalecki, que foi meu mestre, costumava dizer, diante desse tipo de especulação, que tudo o que ultrapassa 20 anos cai no domínio da astrologia. Não sei o que o Brasil vai ser porque não sei o que será o próximo século. Agora, falando de um futuro menos longínquo, ou seja, o que será o Brasil daqui a 20 anos, acho que tudo dependerá essencialmente da capacidade do País de equacionar seus problemas sociais, a começar pelo do emprego. Creio que o Brasil tem mais oportunidades do que a maioria dos países para fazê-lo, porque está longe de esgotar seu potencial de terras, de gerar empregos rurais, de desenvolver seu mercado interno. Por mais importante que seja a presença do Brasil num mercado mundial competitivo, acredito que seu principal trunfo como país continental, para alcançar o desenvolvimento, reside na possibilidade de ampliação do seu mercado interno. Será por meio deste que se dará a inscrição de todos quantos se acham, no momento, marginalizados ou apenas semi-integrados à modernidade.